

A teologia da libertação e o aborto

Ivanaldo Santos
Filósofo (ivanaldosantos@yahoo.com.br)

“A teologia da libertação não entra em nenhum esquema de heresia até hoje existente [...] ela é a negação radical do Cristianismo” (Cardeal Joseph Ratzinger, Papa Bento XVI).

Atualmente o Brasil e o mundo vivem uma nova onda de manifestações e pressões políticas, econômicas e midiáticas para a legalização do aborto. Como sempre a Igreja Católica, fiel aos ensinamentos de Jesus Cristo e a tradição herdada diretamente dos apóstolos, se posiciona totalmente contrária à legalização do aborto. O motivo dessa posição é simples: o aborto é uma forma direta de ferir e de negar o direito fundamental a vida. Direito este concedido por Deus a sua imagem e semelhança, ou seja, ao ser humano.

Entretanto, a grande maioria da militância e dos partidários da ideologia do aborto afirmam serem seguidores da teologia da libertação, mais conhecida pela sigla TL. Esses militantes e partidários dessa ideologia afirmam que a defesa e a prática do aborto são filosoficamente e teologicamente fundamentados pela TL. Essa afirmação é realizada apesar desses militantes e partidários da referida ideologia serem oficialmente ateus ou adeptos de alguma prática religiosa neopagã, nunca terem entrado em um templo católico, não terem tido, ao longo da vida, qualquer ato de piedade cristã ou participado de qualquer cerimônia religiosa católica.

Parece que há uma contradição interna dentro da Igreja. De um lado, há o magistério e a doutrina cristã que condena o aborto como assassinato e pecado contra Deus e a santidade da vida. Do outro lado, há a teologia da libertação que, segundo os militantes e partidários da ideologia do aborto, é uma expressão teológica que sustenta a qualquer defesa e prática do aborto.

É justamente pelo fato de haver essa contradição aparente – e é preciso reafirmar que a contradição é apenas aparente – que é necessário esclarecer o que é a teologia da libertação (TL) e suas respectivas relações com o aborto.

Origem da expressão “Teologia da Libertação (TL)”

Segundo o artigo de Alberto Methol Ferre, publicado originalmente no número especial dedicação a teologia da libertação da revista italiana *30 Giorni*, a TL se baseia sobre dois conceitos chaves: pobres e libertação (Fonte: AQUINO, Felipe. *A teologia da libertação*. 2 ed. Lorena: Cléofas, 2003, p. 102-104.).

De acordo com Alberto Methol Ferre aos 12/09/1962, um mês antes de abrir o Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII afirmou: “diante dos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta como é e como quer ser: a Igreja de todos e, especialmente, a Igreja dos pobres”. Estas palavras tiveram ampla repercussão, desencadeando uma série de estudos sobre a pobreza no mundo e o desafio que ela apresenta ao cristianismo.

Quando a palavra “libertação”, utilizada pela resistência francesa que se opunha aos ocupantes nacional-socialistas durante a segunda guerra mundial (1939-1945), entrou no vocabulário oficial da Igreja em fevereiro de 1967, foi assumida pelo CELAM no documento de Buga (Colômbia) relativo às universidades católicas em fevereiro de 1967. De Buga passou para os Documentos de Medellín (1968). Em novembro de 1969, o teólogo peruano Gustavo Gutiérrez proferiu uma conferência sobre o tema “Notas para uma teologia da libertação”, nascia assim a expressão “Teologia da Libertação”, dotada imediatamente de grande voga e eloquência.

De acordo com a *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”* publicada em 06/08/1984 pela da Congregação para a Doutrina da Fé, órgão da Igreja Católica responsável em corrigir e retirar dúvidas sobre a fé e a doutrina cristã e manter o depósito vivo da fé revelada aos homens por Deus por meio do seu único filho, Jesus Cristo Salvador, há dois grandes fatores que motivaram o surgimento da TL, sendo eles:

1. As desigualdades sociais. “O escândalo das gritantes desigualdades entre ricos e pobres – quer se trate de desigualdades entre países ricos e países pobres, ou de desigualdades entre camadas sociais dentro de um mesmo território nacional – já não é tolerado. De um lado, atingiu-se uma abundância jamais vista até agora, que favorece o desperdício, e, de outro lado, vive-se ainda numa situação de indigência, marcada pela

privação dos bens de primeira necessidade, de modo que já não se conta mais o número das vítimas da subnutrição” (*Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, I, 6).

2. O novo colonialismo. “Em certas regiões da América Latina, a monopolização de grande parte das riquezas por uma oligarquia de proprietários desprovidos de consciência social, a quase ausência ou as carências do estado de direito, as ditaduras militares que ocultam os direitos elementares do homem, o abuso do poder por parte dos dirigentes, as manobras selvagens de um certo capital estrangeiro, constituem outros tantos fatores que alimentam um violento sentimento de revolta junto àqueles que, deste modo, se consideram vítimas impotentes de um novo colonialismo de cunho tecnológico, financeiro, monetário ou econômico” (*Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, VII, 12).

O que realmente é a Teologia da Libertação (TL)

De forma introdutória pode-se afirmar que a TL é resultado de dois grandes fenômenos sociais da modernidade, sendo eles:

1. O secularismo. Este fenômeno cultural afirma que Deus não existe e que o ser humano deve e de fato constrói sua felicidade na própria realidade sem, portanto, haver um paraíso a ser conquistado e o pecado a ser superado e destruído. Dessa forma, a ênfase da vida humana recai sobre a política. Sobre essa questão a *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”* (X, 7) afirma: “Privilegiar deste modo a dimensão política, é o mesmo que ser levado a negar a radical novidade do Novo Testamento e, antes de tudo, a desconhecer a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, bem como o caráter específico da libertação que ele nos traz e que é fundamentalmente libertação do pecado, fonte de todos os males”.

É preciso ressaltar que uma das conseqüências do secularismo foi à criação da chamada “teologia da morte de Deus”. De origem protestante, essa “teologia” afirma que como Deus não existe ou se existe o ser humano pode viver perfeitamente sem ele, resta à teologia apenas discutir e debater questões puramente humanas como, por exemplo, a política e os problemas sociais. Em grande medida, a teologia da libertação é a versão católica da teologia da morte de Deus protestante.

2. O marxismo. Sobre o marxismo a *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”* (VII, 9) afirma: “Lembremos que o ateísmo e a negação da

pessoa humana, de sua liberdade e de seus direitos, encontram-se no centro da concepção marxista. Esta contém de fato erros que ameaçam diretamente as verdades da fé sobre o destino eterno das pessoas. Ainda mais: querer integrar na teologia uma ‘análise’ cujos critérios de interpretação dependam desta concepção atéia, significa embrenhar-se em desastrosas contradições”.

O filósofo marxista Michael Löwy afirma que a TL faz “a utilização do instrumental marxista para compreender as causas da pobreza, as contradições do capitalismo e as formas da luta de classes”. (Fonte: LÖWY, Michael. *Marxismo e teologia da libertação*. São Paulo: Cortez, 1991, p. 27.).

Já a *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”* afirma que o argumento central do marxismo é a “luta de classes” (VIII, 5) e que devido a este argumento “a lei fundamental da luta de classes tem um caráter de globalidade e de universalidade. Ela se reflete em todos os domínios da existência, religiosa, éticos, culturais e institucionais. Em relação a esta lei, nenhum destes domínios é autônomo. Em cada um esta lei constitui o elemento determinante” (VIII, 8). A consequência disso é que “o caráter transcendente da distinção entre o bem e o mal, princípio da moralidade, encontra-se implicitamente negado na ótica da luta de classes” (VIII, 9) e a “nova hermenêutica [a interpretação da Bíblia] conduz a uma releitura essencialmente política da Escritura” (X, 5) e não mais a leitura de redenção total do ser humano que tradicionalmente a Igreja apresenta a humanidade.

A consequência desses dos fenômenos culturais é que a TL ao invés de fazer teologia, no sentido cristão do termo, termina fazendo uma sociologia e uma análise política dos problemas sociais. É preciso ressaltar que a sociologia e a análise política da TL são fundamentadas no ateísmo oriundo do secularismo e do marxismo. Um bom exemplo disso é o livro *Igreja, carisma e poder* escrito por um dos expoentes máximos da TL, o ex-frei Leonardo Boff. Neste livro, Leonardo Boff afirma que a Igreja não passa de um “aparelho ideológico a serviço das classes dominantes”, os profetas, os apóstolos, os santos e o Papa são historicamente apenas “instrumentos de dominação machista sobre os pobres” e a verdadeira luta do cristão não é contra o demônio e o pecado, mas “contra as classes dominantes que oprimem o povo”.

Um dos representantes mais conhecidos da teologia da libertação, o frade dominicano brasileiro Alberto Libanio Christo, mais conhecido como Frei Betto afirma que “o que propomos [os militantes da TL] não é teologia dentro do marxismo, mas marxismo dentro da teologia” (Fonte: Frei Beto, *Jornal do Brasil*, 06/04/1980).

Leonardo Boff complementa a afirmação do Frei Beto afirmando: “É uma teologia que faz sentido, que ajuda a criar uma visão das coisas, não necessariamente cristã, porque nós não estamos interessados em que haja mais cristãos, estamos interessados em que haja mais cidadãos participativos, sensíveis, justos, lutadores pela libertação dos seres humanos, e o cristianismo como uma fonte geradora de pessoas assim” (Fonte: BOFF, Leonardo, entrevista à Radiobras, 01/12/2003, Grifo nosso).

Sobre o que de fato é a TL Antonio Emílio A. de Araújo afirma: “Matar Deus e reduzir a esperança bíblica à mera esperança do reino do homem: essas são as características principais da Teologia da Libertação” (Fonte: ARAÚJO, Antonio Emílio A. de. Cardeal e Papa condenam a Teologia da Libertação. IN: *Mídia Sem Máscara*. www.mdiasemmascara.com.br. Acessado em 16/02/2008).

Segundo Dom Fernando Áreas Rifan, a “Teologia da Libertação surgiu como reação às escravidões sociais e econômicas, que todos lamentamos, mas enfatizando demasiadamente a linha social em detrimento da espiritual, tentando reduzir o Evangelho da salvação a um evangelho terrestre e, pior, dentro de uma análise marxista, com rejeição da doutrina social da Igreja. Daí partem para uma releitura essencialmente política da Sagrada Escritura, baseada no racionalismo e no modernismo. Na verdade, o Evangelho de Jesus Cristo é mensagem de liberdade e força de libertação. Mas a libertação é antes de tudo e principalmente libertação da escravidão radical do pecado. Seu objetivo e seu termo é a liberdade dos filhos de Deus, que é dom da graça divina. Ela exige, por uma conseqüência lógica, a libertação de muitas outras escravidões de ordem cultural, econômica, social e política, que, em última análise, derivam todas do pecado e constituem outros tantos obstáculos que impedem os homens de viverem segundo a própria dignidade”. (Fonte: RIFAN, Dom Fernando Áreas. Teologia da libertação. *Folha da Manhã*, 23/05/2007.).

A conseqüência disso é que o “conceito evangélico de pobreza não se refere à carência de bens materiais, mas à humildade como qualidade espiritual. Cristo fala ‘aos pobres em espírito’ em outra dimensão do ser humano, ignorada ou menosprezada pelos materialistas. O contrário do pobre, nessa dimensão, não é o rico em bens materiais, mas o soberbo que, com base na riqueza material ou no poder, deprecia os demais e pensa que não necessita de Deus e da religião” (Fonte: KIRK, Russel, PAZOS, Luis. Antídotos contra a teologia da libertação. *Mídia Sem Máscara*. www.midiasemmascara.com.br. 12/04/2006. Acessado em 12/02/2008.).

Na encíclica *Spe Salvi*, publicada em 30/11/2006, o Papa Bento XVI é incisivo, da mesma forma como foi quando era apenas o simples cardeal Joseph Ratzinger. Já no item 4 da referida encíclica, cujo assunto é a esperança cristã verdadeira, ele não deixa dúvidas sobre o magistério da Igreja: “O cristianismo não tinha trazido uma mensagem sociorevolucionária semelhante à de Espártaco [revolucionário do antigo Império romano], que tinha fracassado após lutas cruentas. Jesus não era Espártaco, não era um guerreiro em luta por uma libertação política, como Barrabás ou Bar-Kochba. Aquilo que Jesus – Ele mesmo, morto na cruz – tinha trazido era algo de totalmente distinto: o encontro com o Senhor de todos os senhores, o encontro com o Deus vivo e, deste modo, o encontro com uma esperança que era mais forte do que os sofrimentos da escravatura e, por isso mesmo, transformava a partir de dentro a vida e o mundo. [...] Em virtude do Batismo, [os cristãos] tinham sido regenerados, tinham bebido do mesmo Espírito e recebiam conjuntamente, um ao lado do outro, o Corpo do Senhor. Apesar de as estruturas externas permanecerem as mesmas, isto transformava a sociedade a partir de dentro. Se a Carta aos Hebreus diz que os cristãos não têm aqui neste mundo uma morada permanente, mas procuram a futura (cf. Hb 11, 13-14; Fl 3,20), isto não significa de modo algum adiar para uma perspectiva futura: a sociedade presente é reconhecida pelos cristãos como uma sociedade imprópria; eles pertencem a uma sociedade nova, rumo à qual caminham e que, na sua peregrinação, é antecipada”. O Papa deixa claro que não será com violência ou revoluções armadas que será construído o reino de Deus. Este reino é edificado pela conversão, pela caridade e pelo perdão. Em síntese, os princípios seculares e marxistas defendidos pela TL estão totalmente errados.

O Papa Bento XVI, quando era apenas o simples cardeal Joseph Ratzinger, na didática apresentação da *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”* afirma que a TL “não entra em nenhum esquema de heresia até hoje existente” e que ela é a “negação radical do Cristianismo” (Fonte: RATZINGER, Cardeal Joseph. Eu vos explico a teologia da libertação. IN: *Revista Pergunte e Responderemos*, Ano XXV, n 277, 1984). O Papa é muito claro e enfático: a Teologia da Libertação (TL) é uma heresia. A própria *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”* deixa bem claro que os ensinamentos da TL “não são compatíveis com a concepção cristã do homem e da sociedade” (VII, 8, VIII, 1).

O historiador da Igreja Daniel Rops afirma que todo século tem sua heresia, ou seja, a cada século surge uma teoria, uma escola de pensamento, que defende e procura propagar idéias e valores diferentes daqueles que foram ensinados por Jesus Cristo,

pregados pelos apóstolos e missionários e transmitidos pelo magistério e pela doutrina da Igreja. É como se a cada século o demônio criasse uma teoria nova tentando, dessa forma, impedir a ação salvadora de Jesus Cristo e da sua esposa, a Igreja. A teologia da libertação foi à heresia do século XX que, como bem afirmou o então cardeal Joseph Ratzinger, “deseja negar o cristianismo”.

Enquanto heresia, ou seja, negação consciente da doutrina e da fé professada pela Igreja, a TL pode ser resumida em 6 pontos, sendo eles:

1. A TL é uma “negação da fé da Igreja” (*Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, X, 9). E entenda-se “fé da Igreja” no sentido da salvação por meio de Jesus Cristo, a santificação do corpo, a valorização da virgindade, da qual a Virgem Maria é o modelo a ser seguido, o casamento, a valorização da vida, principalmente da vida mais frágil, ou seja, o feto ainda no ventre da mãe e todo o resto da doutrina da Igreja.

2. Devido a influência negativa do marxismo e da teoria da luta de classes, a TL “adia para amanhã a evangelização” (*Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, VI, 3) e, com isso, não cumpre o mandato do próprio Cristo, quando determinou aos seus discípulos que deveriam “ensinar a todas as nações, batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt, 28, 19).

3. De acordo com o teólogo Georges Cottier na perspectiva da TL o “reino de Deus é secularizado, isto é, despojado de seus valores e de suas manifestações explicitamente religiosas, para coincidir com o reino do homem na terra. A escatologia cristã é transformada em escatologia terrestre sócio-político-econômica; a expectativa da consumada vitória de Cristo sobre o pecado e a morte no fim dos tempos é substituída pela de uma ordem sócio-econômica em que todas as aspirações do homem encontram sua resposta” (Fonte: AQUINO, Felipe. *A teologia da libertação*. 2 ed. Lorena: Cléofas, 2003, p. 111).

4. Na leitura social da TL passa a existir uma confusão muito perigosa “entre o pobre da Escritura e o proletariado de Marx [filósofo ateu que dá sustentação teórica a TL]. Perverte-se deste modo o sentido cristão do pobre e o combate pelos direitos dos pobres transforma-se, em combate de classes na perspectiva ideológica da luta de classes” (*Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, IX, 10).

5. A “doutrina social da Igreja é rejeitada” (*Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, X, 4) pela TL. A preocupação e a ação social da Igreja tiveram início quando o próprio Cristo multiplicou os pães e saciou a fome de uma

multidão. Ao longo dos séculos inúmeras ações de cunho social foram realizadas pela Igreja. Ela foi e continua sendo uma das instituições sociais que mais investiram no campo da ação social em toda a humanidade. Na modernidade, com o aumento dos problemas e tensões sociais, a Igreja redobrou suas ações. As encíclicas *Rerum Novarum* do Papa Leão XII e *Laborem Exercens* do Papa João Paulo II são pequenos exemplos do ardor e da fidelidade social que a Igreja possui a Jesus Cristo. Entretanto, todo este ardor e fidelidade são rejeitados pela teologia da libertação. Para a TL somente a teoria marxista da luta de classes tem valor social.

6. Por fim, a própria TL coloca em “xeque a estrutura sacramental e hierárquica da Igreja, tal como a quis o próprio Senhor [Jesus Cristo]” (*Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”, IX, 13*). Para a TL a Igreja não é o corpo místico de Cristo e sua respectiva esposa, mas apenas uma estrutura política superada e aliada de grupos econômicos opressores de camadas sociais empobrecidas. A Igreja não é o santuário por meio do qual Cristo santifica os pecadores, mas apenas uma estrutura patriarcal conservadora.

O real objetivo da Teologia da Libertação (TL)

Aparentemente, o discurso da TL é muito belo e confiável. Fala-se em superação da pobreza e de estruturas sociais escravizadoras. Entretanto, uma análise mais criteriosa dos argumentos e das estratégias políticas da TL desmente esse discurso.

De acordo com o teólogo Georges Cottier o real objetivo da teologia da libertação é a implantação da revolução marxista e socialista. Segundo este pensador, “o objetivo da revolução é derrubar o sistema capitalista e instaurar o socialismo marxista. O vocábulo ‘socialismo’ ocorre nos escritos da TL, mas com certa imprecisão. O socialismo marxista, na verdade, está inseparavelmente conjugado com totalitarismo [autoritarismo]; sim, de modo geral, nos países em que o marxismo toma o poder, instaura o regime de partido único; este, afirmando agir em nome do proletariado, institui uma ditadura totalitária e atéia que não respeita os direitos da pessoa humana. A TL se fecha no silêncio a respeito do totalitarismo e dos métodos de violência que ele aplica às populações dominadas” (Fonte: AQUINO, Felipe. *A teologia da libertação*. 2 ed. Lorena: Cléofas, 2003, p. 111).

A TL quer implantar a ditadura socialista, mas nunca se importou com as atrocidades praticadas por esse regime político, inclusive atrocidades contra os próprios

cristãos. Sobre este assunto o filósofo Olavo de Carvalho afirma que a TL não se importa com “[...] a matança de 75 milhões de civis chineses pela ditadura de Mao Dzedong, de 20 milhões de russos pelo governo soviético ou de 3 milhões de cambojanos pela quadrilha de Pol-Pot [líder da guerrilha socialista no Camboja]. (Fonte: CARVALHO, Olavo de. *Jornal do Brasil*, 28/02/2008.). Além disso, não é possível esquecer a ditadura socialista de Fidel Castro em Cuba, que recentemente passou o poder para as mãos de seu irmão Raul Castro. Essa ditadura matou aproximadamente 16.000 cubanos só porque discordavam da ideologia socialista de Fidel Castro e condenou o resto da população a morrer de fome e doenças. Entretanto, nada disso é discutido e denunciado pela teologia da libertação. Na prática a TL não passa de uma heresia a serviço do autoritarismo socialista e marxista. Ela não tem realmente postura crítica para perceber as diversas formas de escravidão que assolam o ser humano. Formas essas que se iniciam com o pecado e culminam com as ditaduras políticas que a própria TL deseja implantar.

Um exemplo absurdo da falta de postura crítica frente às escravidões vividas pelo ser humano é a guerrilha marxista implantada desde a década de 1960 na Colômbia. Nesta época formaram-se vários grupos guerrilheiros, todos de inspiração marxista. Entre estes grupos um dos mais atuantes e violentos são as FARC (Forças Revolucionárias da Colômbia). Desde a década de 1960 as FARC já mataram mais de 30.000 pessoas inocentes. Entre seus métodos violentos estão o seqüestro, a tortura e o fuzilamento de pessoas inocentes sem qualquer julgamento. Atualmente calcula-se que as FARC tenham entre 600 a 800 pessoas seqüestradas. Muitas dessas pessoas estão seqüestradas a vários anos. Algumas delas a décadas. Recentemente foi lançado o livro *Cartas à mãe. Direto do inferno* contendo cartas de seqüestrados pela FARC. São relatos aterrorizantes escritos por Ingrid Betancurt, ex-candidata à presidência da Colômbia que está seqüestrada a mais de seis anos, e outros prisioneiros civis das FARC. Vejamos um pequeno trecho desse livro.

Sinto que meus filhos levam uma vida em suspenso na expectativa da minha libertação, e o seu sofrimento diário, o de todo mundo, faz com que a morte me pareça uma opção amena. [...]. Estou cansada de sofrer, de carregar essa dor comigo todos os dias, de mentir para mim mesma achando que tudo vai terminar e constatar que cada dia equivale ao inferno do dia anterior. [...]. Vou mal fisicamente. Parei de comer, perdi o apetite, meus cabelos caem copiosamente.

Não tenho vontade de nada. Acho que a única coisa boa é isto: não ter vontade de nada. [...] a vida aqui não é a vida, é um desperdício lúgubre do tempo. [...] Aqui nada é seu, nada dura, a incerteza e a precariedade são a única constante. (Fonte: BETANCURT, Ingrid et all. *Cartas à mãe. Direto do inferno*. São Paulo: Agir, 2008.).

Qualquer pessoa normal ao ler este livro e o relato acima citado ficará chocada pelos métodos cruéis de implantação do regime socialista pelas FARC. Entretanto, só quem não fica chocado são os militantes da TL, justamente porque a TL apóia abertamente as FARC. Vários militantes da TL entraram para as FARC, inclusive praticando todos os atos de violência condenados pela doutrina cristã, mas infelizmente recomendados e praticados pela guerrilha marxista. Um grande militante das FARC é o ex-padre Pedro Medina, que atualmente vive no Brasil na condição de refugiado político. Este ex-religioso assume publicamente que participou de assaltos e seqüestros. Todas essas ações foram praticadas em nome da implantação da ditadura socialista na Colômbia.

De acordo com o cardeal Agnelo Rossi, no artigo *Verdades, erros e perigos da teologia da libertação*, publicado originalmente em 19/03/1985, outro objetivo da TL é realizar a “deformação pessoal” (Fonte: AQUINO, Felipe. *A teologia da libertação*. 2 ed. Lorena: Cléofas, 2003, p. 96) e, por conseguinte, a lavagem cerebral. Para o cardeal Rossi a TL ao invés de ser um instrumento de libertação é um técnica de imposição de uma teoria política autoritária e anticristã, ou seja, o socialismo. Neste sentido, a palavra “libertação” que aparece na expressão “teologia da libertação” é enganosa. O próprio cardeal deixa claro que os modelos que a TL procura seguir não são Jesus Cristo, a Virgem Maria, os apóstolos, especialmente Pedro e Paulo, os santos e o Papa. Pelo contrário, os modelos propostos pela TL são Camilo Torres e Che Guevara.

Che Guevara é um conhecido líder guerrilheiro morto nas selvas da Bolívia na década de 1960. Juntamente com Fidel Castro liderou a revolução que implantou a ditadura socialista em Cuba em 1959. Ele jurou perseguir e, se pudesse, destruir a Igreja. Sempre que os grupos guerrilheiros que estavam sob a orientação de Che Guevara tomavam uma cidade ou vilarejo uma das primeiras medidas era simplesmente fuzilar o(s) padre(s) e todos(as) os(as) demais religiosos(as) que estivessem presentes. Como se pode perceber as ações e a pregação de Che Guevara não são compatíveis com o cristianismo.

Já Camilo Torres é um ex-padre que abandonou a vida religiosa é juntamente com outros partidários da ditadura socialista criou, no início da década de 1960, na Colômbia o ELN (Exército de Libertação Nacional). O ELN é uma guerrilha socialista que utiliza os mesmos métodos autoritários, sanguinários e anticristãos das FARC. Antes de abandonar o exercício sacerdotal Camilo Torres celebrava missas vestido com o uniforme da guerrilha do ELN e ao invés de colocar no altar o pão e o vinho que seriam transformados no corpo e no sangue de Jesus Cristo, ele colocava no altar fuzis e metralhadoras. Este guerrilheiro foi morto no dia 16/02/1966 durante um combate entre o ELN e o exército da Colômbia.

O problema é que Che Guevara e Camilo Torres inspiraram e, infelizmente, continuam a inspirar os militantes da TL. Um exemplo dessa inspiração encontra-se no livro *Orvil. As tentativas de tomada do poder*. Este livro é um gigantesco relatório, com aproximadamente mil páginas, escrito originalmente em 1985 pela extinta Seção de Informações do Centro de Informações do Exército (CIE), atual Divisão de Inteligência do Centro de Inteligência do Exército (Fonte: SEÇÃO DE INFORMAÇÃO DO CENTRO DE INFORMAÇÃO DO EXÉRCITO. *Orvil. As tentativas de tomada do poder*. Brasília: Ministério do Exército, 1985, p. 244-246, 281-283, 330-332.). Neste relatório encontram-se dezenas de casos de envolvimento de padres e religiosos militantes da TL em assaltos, seqüestros e até mesmo em assassinatos. Entre estes padres e religiosos citam-se: Frei Osvaldo, Frei Ivo, Frei Bernardo Catão, Frei Giorgio Calegari, Frei João Antonio de Caldas Valença, Frei Roberto Romano, Frei Tito de Alencar Lima, Padre Veríssimo, Padre Manoel Vasconcellos Valiente, Padre Marcelo Pinto Carvalheira, e o ex-seminarista Francisco Castro.

Outro seguidor de Camilo Torres é o ex-padre católico e militante da TL Alípio de Freitas, que fez um curso para implantação da guerrilha na América Latina em Cuba em 1965 e, neste período, era líder da facção terrorista Ação Popular, mais conhecida pela sigla AP, um organismo ligado ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Seu grande feito não foi pregar o evangelho e converter os ateus e infiéis à fé católica, mas organizar um atentado a bomba, em 25/07/1966, no Aeroporto dos Guararapes, em Recife, contra o então candidato à presidência da república, o general Costa e Silva. Neste atentado morreram o jornalista Edson Régis de Carvalho e o almirante da marinha brasileira Nelson Gomes Fernandes. Além das duas vítimas fatais ficaram feridas 13 pessoas, entre elas o então coronel do exército Sylvio Ferreira da Silva que, além de fraturas expostas, teve quatro dedos amputados da mão esquerda e

Sebastião Tomaz de Aquino, o mais conhecido como Paraíba, guarda civil da cidade de Recife, que teve a perna direita amputada.

Como se pode concluir por tudo que já foi exposto o real objetivo da teologia da libertação não é a pregação do evangelho, a santificação da família e dos pecadores e o triunfo de Jesus Cristo e, por conseguinte, da Igreja sobre a morte, mas a negação da fé cristã e da doutrina da Igreja. A TL objetiva implantar na América Latina e no mundo uma ditadura ateia. Ditadura que será fundamentada pelo secularismo e pelo marxismo. Como bem salienta o cardeal Agnelo Ross, ao analisar a TL no artigo *Verdades, erros e perigos da teologia da libertação*, a “estrada escolhida por muitos liberacionistas é perigosa e errada e até pode ser fatal para a fé cristã e a humanidade” (Fonte: AQUINO, Felipe. *A teologia da libertação*. 2 ed. Lorena: Cléofas, 2003, p. 71).

As conseqüências da Teologia da Libertação (TL)

Como afirmou Jesus Cristo “uma árvore se conhece pelos seus frutos”, a árvore boa dará frutos bons e doces, já a árvore má dará frutos ruins e amargos. Partindo dessa afirmação do Salvador da humanidade serão apresentadas sinteticamente as conseqüências, ou seja, os frutos ruins e amargos oriundos da TL. Essa apresentação será dividida em 6 pontos.

1. Nas comunidades onde a TL foi implantada a fé e a prática das virtudes e ações cristãs caiu de forma acentuada. Como a TL não quer converter e nem libertar as pessoas do pecado, só resta-lhe fazer uma pregação vazia sobre as injustiças sociais. Isto fato tem como conseqüência a perda da fé por parte das comunidades.

2. Como a TL é adepta de métodos violentos para a implantação da ditadura socialista, a conseqüência é que nas comunidades controladas por ela há um aumento da violência. A comunidade ao invés de se ver liberta do pecado e de outras formas de escravidão é presa numa rede de violência e opressão social.

3. Nos seminários católicos controlados pela TL houve uma brutal redução no número de ordenações sacerdotais. Seminários que antes de serem controlados pela TL ordenavam uma média de 10 padres por ano passaram a ordenar apenas um padre a cada 2 ou 3 anos. Está redução é fruto do secularismo e do ateísmo que impregnam a TL.

4. Houve por parte dos militantes da TL um grande abandono da fé e das virtudes cristãs. Devido ao secularismo e ao ateísmo que impregnam a TL estes militantes

abandonaram o cristianismo, a religião da Salvação e da Redenção dos pecados, para ingressar em alguma forma moderna de paganismo.

5. Em 1990 um militante da teologia da libertação, o ex-padre Jean Bertrand Aristide, mais conhecido como Padre Aristide, foi eleito presidente do Haiti. Nesta época a eleição de Aristide foi apontada pela esquerda como sendo uma vitória e, ao mesmo tempo, um exemplo do que a TL poderá fazer na América Latina. Aristide procurou implantar no Haiti a cartilha política da TL. Entre as suas medidas políticas e administrativas encontram-se: dissolveu a polícia e as forças armadas, incentivou a criação de milícias armadas dentro da população, incentivou a invasão, o confisco e a destruição da propriedade e de empresas privadas. A consequência do governo de Aristide foi terrível. O Haiti passou a ser dominado por milícias armadas, pelo tráfico de drogas e pelo crime organizado. Como a polícia e as forças armadas tinham sido dissolvidas, o Estado não tinha condições de combater o crime e reinstaurar à ordem social. Na prática o Haiti foi o primeiro país do mundo a ser governado pelo crime organizado. No governo de Aristide o Haiti mergulhou numa crise econômica profunda e a população amargou uma brutal falta de alimentos e demais gêneros necessários a sobrevivência humana. Por fim, o país mergulhou na mais total anarquia política e administrativa. Para reinstaurar à ordem social foi necessária a intervenção da ONU (Organização das Nações Unidas) que até o presente momento administra o país. Como se pode ver, se a eleição do militante da TL em 1990, o ex-padre Jean Bertrand Aristide, representa um exemplo do que a TL poderá fazer na América Latina, então o futuro desse continente será o pior futuro que a teoria e a filosofia política poderão descrever.

6. A defesa do aborto. Como a TL não acredita e não segue a doutrina cristã, todos os valores dessa doutrina são esquecidos e negados, inclusive a defesa da vida mais frágil, ou seja, a vida do feto ainda no ventre da mãe. Como afirma o pensador Percival Puggina: “bispos e padres de esquerda [seguidores da TL] tinham e têm como coisa reprovável ser católico e não apoiar as tropelias das invasões de propriedades e da destruição dos bens alheios. Consideravam e consideram incompatível o cristianismo com qualquer concepção não socialista e não coletivista da sociedade. Para eles, a filiação a um partido mais ou menos comunista constituía e constitui o melhor dos sacramentos, e a tal filiação atribuem valor superior ao de qualquer outra via de participação na vida da Igreja. Durante décadas confundiram amor aos pobres com ódio aos ricos. Plantaram Lula [o atual presidente da república do Brasil], o PT [partido do presidente que deseja de qualquer forma legalizar o aborto], a esquerda e o socialismo.

Foram disciplinados companheiros de viagem. Hoje, colhem escândalos, rejeição, [...] e propostas de liberação do aborto. (Fonte: PUGGINA, Percival. *Mídia Sem Máscara*. www.midiasemmascara.com.br. 05/12/2005. Acessado em 10/02/2008, Grifo nosso.).

A doutrina da Igreja sobre o aborto

Será apresentada sinteticamente a doutrina da Igreja sobre o aborto em 4 pontos.

1. A Igreja é contrária a despenalização do aborto apoiando-se no princípio de que não se pode legalizar algo que é ilegítimo e imoral: a supressão voluntária de uma vida humana. A discussão realizada pela Igreja é essencialmente ética e visa defender o ser humano de todas as formas de violência. Ora, se é possível matar o bebê ainda no ventre da mãe, então será possível e até mesmo permitido realizar qualquer ato violento contra o próprio ser humano.

2. A prática do aborto fere, de forma grave, o quinto mandamento da lei de Deus que afirma “Não matarás” (Ex 20, 13). Sobre este mandamento o *Catecismo da Igreja Católica* (n 2258) afirma: “A vida humana é sagrada porque desde sua origem [desde a concepção] ela encerra a ação criadora de Deus e permanece para sempre numa relação especial com o Criador, seu único fim, ninguém, em nenhuma circunstância, pode reivindicar para si o direito de destruir diretamente um ser humano inocente”.

3. Sobre o aborto o *Catecismo da Igreja Católica* afirma: “A vida humana deve ser respeitada e protegida de maneira absoluta a partir do momento da concepção. Desde o primeiro momento de sua existência, o ser humano deve ver reconhecidos os seus direitos de pessoa, entre os quais o direito inviolável de todo ser inocente à vida” (n 2270). Além disso, deixa bem claro que “desde o século I, a Igreja afirmou a maldade moral de todo aborto provocado. Este ensinamento não mudou. Continua invariável. O aborto direto, quer dizer, querido como um fim ou como um meio, é gravemente contrário a lei moral” (n 2271). Por fim, determina que o feto “deve ser tratado como uma pessoa desde a concepção, o embrião deverá ser defendido em sua integridade, cuidado e curado, na medida do possível, como qualquer ser humano” (n 2273).

4. O *Código de Direito Canônico*, lei que regulamenta juridicamente a Igreja, determina que seja excomungado quem defende, pratica ou auxilia na prática do aborto (cânon 1398). A excomunhão se deve pela própria natureza e gravidade do delito, ou seja, do aborto (cânon 1314).

A Teologia da Libertação (TL) e o aborto

A relação entre a TL e o aborto será sinteticamente apresentada em 3 argumentos.

1. A TL é francamente favorável ao aborto. Inclui um dos “representantes mais conhecidos da teologia da libertação, o frade dominicano brasileiro Alberto Libanio Christo, o Frei Betto, tem proposto legalizar o aborto na região e considera que a defesa da vida só teria sentido em um mundo ideal. Embora diga ser ‘contrário ao aborto, admito sua despenalização em certos casos e sou favorável ao mais amplo debate, pois se trata de um problema real e grave que afeta à vida de milhares de pessoas e deixa seqüelas físicas, psíquicas e morais’. Frei Betto, vinculado ao grupo de pressão de teólogos da libertação *Ameríndia*, sustenta contra os ensinamentos da Igreja que a oposição católica ao aborto ‘permanece aberta’ pois ‘ao longo da história a Igreja nunca chegou a uma postura unânime e definitiva’. Deixando de lado os ensinamentos do *Código de Direito Canônico*, o *Catecismo* da Igreja e a Encíclica *Evangelium Vitae*, o frade baseia suas afirmações nos textos de polêmicos teólogos e moralistas como Bernhard Haering e o bispo francês Duchene, desautorizados pela Santa Sé. (Fonte: AQUINO, Felipe. Frei Beto defende a despenalização do aborto. IN: *Blog Canção Nova*. <http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2007>. Acessado em 12//03/2008.).

2. Um dos atuais líderes da TL, o ex-padre Fernando Altemeyer Júnior, mais conhecido como Altemeyer Júnior, ardoroso defensor do aborto, diferentemente do que tradicionalmente a Igreja defende, afirma que "o papa não é a Igreja, o papa espelha um catolicismo oficial, que representa apenas uns 10% dos católicos do mundo. É como se fosse à ponta de um icebergue, os outros 90% ficam debaixo de água". (Fonte: ALTEMEYER JÚNIOR, Fernando. <http://www.reflexodigital.com/index.php?cat=42&item=2026&PHPSESSID=6dd3f47623fb09671a22d9ee600f9d8a>). Para Altemeyer Júnior o Papa, o magistério e a doutrina da Igreja estão totalmente errados. Quem está correto é a sociedade secular e neopagã que defendem o aborto e todas as demais práticas de negação da vida e de escravidão do ser humano.

3. Um dos argumentos centrais da militância da TL para defender o aborto é afirmar que ao longo da história a Igreja nunca chegou a uma postura unânime e definitiva sobre o aborto. Portanto, é possível ser cristão e, ao mesmo tempo, defender o aborto. O problema é que a militância da TL faz essa afirmação a partir da interpretação atéia, marxista e secular do cristianismo. Uma interpretação anticristã que não encontra

qualquer fundamentação bíblica. O *Catecismo da Igreja Católica* é muito claro quando afirma que “desde o século I, a Igreja afirmou a maldade moral de todo aborto provocado. Este ensinamento não mudou. Continua invariável. O aborto direto, quer dizer, querido como um fim ou como um meio, é gravemente contrário a lei moral” (n 2271, Grifo nosso). O pensador Felipe Aquino demonstra que desde o século I, com a *Didaqué*, o primeiro catecismo cristão redigido por volta do ano 90 d.C. “a Igreja tem a consciência de que o aborto é pecaminoso” (Fonte: AQUINO, Felipe. *Aborto? ... Nunca*. 3 ed. Lorena: Cléofas, 2005, p. 74.).

Diante da defesa do aborto realizada pela TL é preciso constatar, infelizmente, que a TL e, por conseguinte, seus militantes não são cristãos e nem muito menos seguem a doutrina do corpo místico de Jesus Cristo, ou seja, a Igreja. Seria muito mais honesto se os militantes da TL fossem a público e declarassem que não são cristãos, não fazem parte da Igreja e são adeptos de práticas neopagãs e seculares como, por exemplo, o aborto.

Como afirmado no início desse artigo parece que há uma contradição interna dentro da Igreja. De um lado, há o magistério e a doutrina cristã que condena o aborto como assassinato e pecado contra Deus e a santidade da vida. Do outro lado, há a teologia da libertação que, segundo os militantes e partidários da ideologia do aborto, é uma expressão teológica que da sustentação a qualquer defesa e prática do aborto.

Como ficou demonstrado ao longo desse artigo essa contradição é apenas aparente. A TL é uma heresia moderna e sua prática social não é compatível com os ensinamentos de Jesus Cristo e, por conseguinte, da Igreja. Sobre essa questão Gonzalo Miranda afirma: “É difícil encontrar nos inúmeros escritos da teologia da libertação alguma indicação dos graves problemas enfrentados [...]. Parece que com relação a problemas como o aborto, a esterilização forçada, a difusão da mentalidade contraceptiva, etc, não há lugar na teologia, e não há necessidade de libertação” (Fonte: MIRANDA, Gonzalo. El problema pastoral de la aplicación de la *Humanae vitae* en América Latina. IN: *Ecclesia*, vol VIII, n 2, abril/junio 1994, p. 159-160).

Diante da TL só é possível fazer o que o Papa Paulo VI recomendou na encíclica *Humanae Vitae* (n 28), ou seja, “expor sem ambigüidades a doutrina da Igreja sobre a vida”. E está doutrina é muito clara: é preciso ser contrário a toda forma e prática do aborto, justamente porque o aborto é o assassinato do feto, do bebê ainda no ventre da mãe.

Como bem salientou a *Declaración de los Andes* (n 16), documento emitido por um conjunto de bispo e teólogos católicos que se reuniram no Seminário de Estudos sobre a Teologia da Libertação no mês de julho de 1984 em Los Andes no Chile, uma “genuína teologia da libertação supõe a realidade da reconciliação do homem com Deus, consigo mesmo, com os outros e com todas as demais criaturas, como ensinam a exortação apostólica *Reconciliação e penitência* e todo o magistério dos Concílios e dos Papas. Nestas fontes encontramos um ensinamento claro a respeito dos conteúdos e valores da libertação frente às servidões que têm sua raiz no pecado, como também a respeito da libertação como plenitude do homem no encontro definitivo com Deus” (Fonte: AQUINO, Felipe. *A teologia da libertação*. 2 ed. Lorena: Cléofas, 2003, p. 127.).

Por fim, é preciso ressaltar a necessidade de defender a vida humana, principalmente a vida mais frágil, ou seja, o feto ainda no ventre da mãe. Dessa forma, se cumprirá a orientação dada pela *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”* (XI, 6) quando ressalta: “Uma defesa eficaz da justiça deve apoiar-se na verdade do homem, criado à imagem de Deus e chamado à graça da filiação divina. O reconhecimento da verdadeira relação do homem com Deus constitui o fundamento da justiça, enquanto regula as relações entre os homens. Esta é a razão pela qual o combate pelos direitos do homem, que a Igreja não cessa de promover, constitui o autêntico combate pela justiça”.